Conheça seu Professor

Nome: Patricia de Oliveira Faria

Biografia:

Seus pais moravam em Porto União (SC), pois seu pai era auditor fiscal do estado. Esta é uma cidade separada do estado do Paraná somente por uma linha férrea e pelo Rio Iguaçu. Como na época só havia maternidade na cidade vizinha, União da Vitória (PR), acabou nascendo no estado do Paraná, apesar de morar até seus 15 anos em Porto União. O colégio em que estudou na cidade de Porto União tinha, no ensino médio, a opção de escolha entre Curso Técnico em Desenho Arquitetônico ou Contabilidade, sendo que acabou optando pelo curso de Desenho Arquitetônico, uma vez que sempre quis fazer Arquitetura. No fim do ensino médio mudou-se para Florianópolis, onde terminou este. Fez o vestibular experimental para o Curso de Graduação de Engenharia Civil para a antiga Faculdade de Engenharia de Joinville (atual UDESC) e acabou passando. Decidiu então ser engenheira, e não arquiteta. Estudou por um ano e meio em Joinville até a aposentadoria de seu pai, quando sua família se mudou para Florianópolis e ela fez um novo vestibular para continuar o curso, mudando para a UFSC, no ano de 1984. Durante a graduação, foi a primeira bolsista CNPQ de Geotecnia com a professora já aposentada, Glaci Trevisan Santos. Formou-se e já tinha certeza sobre querer seguir carreira acadêmica. Fez mestrado em Geotecnia na PUC-RIO, de 1989 a 1992, com maior interesse pela área de barragens. Posteriormente, voltou para Florianópolis, onde sua família residia, e iniciou trabalhos no grupo de pesquisa GRANTE (Grupo de Análise de Tensões), da Engenharia Mecânica da UFSC, trabalhando na área de elementos finitos e modelagem numérica. Participou do grupo como bolsista de um projeto RAHE, em período que foi do ano de 1992 até 1994. Com o término de sua bolsa, deu início ao seu doutorado na terra dos elementos finitos, em Swansea, no País de Gales, durante 4 anos e três meses, voltando em 1999. Já no Brasil, buscou aplicar seus conhecimentos na carreira acadêmica, lecionando na UNIVALI, em Itajaí, sendo a primeira então doutora contratada. Lecionava Mecânica dos Solos I, Mecânica dos Solos II, Geologia, entre outras, além de auxiliar na construção do curso de graduação e montar um curso de pós-graduação, dando aula de Métodos Numéricos voltado para Engenharia Ambiental. Foi durante sua carreira na UNIVALI que reencontrou com o Prof. Marcos Aurélio Noronha, que havia conhecido durante o mestrado, e começaram a namorar. Ele, na época, era professor da USP e estava em pós-doutorado, indo para a Áustria. Quando foi visitá-lo, conheceu um grupo muito forte na área de Geomecânica. Em 2003 conseguiu bolsa de pós-doutorado, pedindo afastamento da faculdade e foi para Áustria durante 1 ano e 3 meses, onde veio a concluir este somente em 2004. Com o seu retorno para o Brasil casou-se e, em 2006, ano em que seu filho Caio nasceu, engajou-se em uma viagem de 7 meses para Davis, Estados Unidos, período no qual realizou um pós-doutorado. De volta ao Brasil, pediu demissão da UNIVALI e foi morar em São Paulo. Como a maioria das universidades na cidade eram particulares, acabou ingressando na iniciativa privada, trabalhando na Intertechne, projetista de barragens. Sua primeira atuação como engenheira permitiu com que ela aprimorasse seus conhecimentos práticos de construção civil, aprendendo essencialmente a projetar barragens. “Aprendi em três anos o que eu não tinha

aprendido a vida inteira". Essa experiência terminou quando seu marido passou em um concurso público para lecionar na UFSC, em Florianópolis. Como tinha vontade de seguir na iniciativa privada, trabalhou na Eletrosul, principalmente com PCHs. Após dois anos e meio, a energia eólica passou por uma alta repentina, e a empresa alemã Wobben, que trabalhava principalmente com o fornecimento das pás eólicas para a Eletrosul, fez uma oferta para que ela trabalhasse quase exclusivamente para eles. Montou seu próprio escritório e permaneceu, ao longo de dois anos e meio, trabalhando basicamente com o projeto de fundações para usinas eólicas. Quando abriu um novo concurso para lecionar na UFSC, fechou seu escritório e dedicou-se a estudar para a prova, almejando seguir carreira acadêmica. Começou a lecionar na UFSC em 2013, onde permanece até hoje.

Área(s) de atuação:

Elementos finitos, modelagem numérica e mecânica dos solos, tendo propriedade para ministrar disciplina de barragens e obras de terra.

Por que escolheu a Engenharia:

Interessou-se pela engenharia conforme foi conhecendo o curso, lendo e buscando informações, e concluiu que, apesar de gostar, não seria boa arquiteta, optando por encarar os números.

Por que escolheu a carreira de Professor(a):

Sempre teve gosto pela vida acadêmica e, desde tempos de graduação, já buscava pesquisas e afins. Lecionou por 7 anos na UNIVALI em Itajaí e quando surgiu a oportunidade em Florianópolis, onde residia, estudou para o concurso e conseguiu uma vaga como docente do ECV.

Maior desafio da carreira:

Doutorado fora do país, desafio de vivenciar infinitas outras culturas e, em paralelo, manter o foco nos estudos, ao mesmo tempo que falava outra língua e convivia com culturas diferentes da sua.

Maior conquista:

Ter conseguido seguir e manter uma carreira voltada à vida acadêmica, passando por diversas dificuldades e provações, vivenciando situações no Brasil e no mundo.

Signo:

Virgem.

Hobby:

Adora cozinhar e ler. Gosta também de fazer patchwork, e trabalhos manuais.

Esporte:

Tênis, squash e badminton. Este último levou-a a fazer uma cirurgia durante o doutorado, por uma lesão no menisco.

Time favorito:

Figueira.

Estilo(s) musical(ais):

Rocks Britânicos. Bandas e autores como: Cranberries, The Corrs, Enia e bandas irlandesas. Atualmente gosta de Coldplay.

Filme:

Filmes tranquilos e românticos, sem violência/ação e coisas do gênero. Comédia romântica.

Livro:

Michael Poualin e Richard Dawkins.

Lazer:

Acompanhar o filho em suas atividades.

Um lugar:

Londres. Acredita ser um lugar fantástico pois adora a cultura britânica, a arquitetura e as características entre moderno e retrô. Dos muitos lugares que já conhece, Londres é o favorito.

Seriado:

Downton Abbey.

Um ídolo:

"Não tenho ídolos, mas meu pai é uma grande referência para mim. "

Ser professor ECV é...

"A realização de uma vida que foi começada para ser acadêmica, cultivada passo a passo. Acredita que a ECV é muito boa, tem um grupo grande de corpo docente com formações diversas e fazer parte disso é muito gratificante."

Algumas matérias que ministra/já ministrou na pós e na graduação:

Mecânica dos solos I e II e, quando surge carga horário, ministra a disciplina de barragens e obras de terra. Ainda não leciona matérias na pós-graduação, pois ainda não está cadastrada nesta.

Conselho para os futuros engenheiros:

Estudar, buscar manter-se atualizado das novas descobertas, aproveitar oportunidades como grupos de pesquisas, laboratório e etc... “Quando você passa a entender a área é que finalmente pode realmente gostar”. É necessário apresentar um diferencial dos demais para quando sair da graduação destacar-se no mercado. Aperfeiçoar-se sempre.

Gostou? Então curta a página do PET-ECV e fique por dentro de outras entrevistas com professores da Civil.

PET ENG. CIVIL
UFSC